

Importância do comércio exterior para as principais cadeias do agronegócio catarinense na última década

Janaína Führ*

Arlei Luiz Fachinello**

Luiz Toresan***

Maria Luísa Lacerda Albertão****

Resumo

O agronegócio catarinense se destaca por sua expressividade, principalmente quando consideramos que o mesmo respondeu por aproximadamente 70% do valor das exportações do estado em 2020. O presente trabalho busca analisar a trajetória recente das exportações do agronegócio catarinense, visando entender o papel do comércio exterior, especialmente das exportações na evolução recente do agronegócio do estado. A partir de dados da última década, observou-se a predominância das cadeias de carnes de frango e suína, soja, tabaco, madeira e móveis, não só na produção, mas também nos fluxos de exportação. Essas cadeias são internacionalizadas, com grande dinamismo e demonstraram ter resiliência. Todavia esse dinamismo da cadeia contrasta com alguns problemas/desafios, dentre eles a concentração do destino das exportações e as pressões das cadeias globais.

Palavras-chave: Agronegócio; Comércio exterior; Santa Catarina

Importance of foreign trade for the main chains of Santa Catarina's agribusiness in the last decade

Abstract

The agribusiness of Santa Catarina stands out for its expressiveness, especially when we consider that it accounted for approximately 70% of the value of the state's exports in 2020. The present work aims to analyze the recent trajectory of Santa Catarina's agribusiness exports, aiming to understand the role of foreign trade, especially exports in the recent evolution of the state's agribusiness. Based on data from the last decade, it was observed the predominance of the chicken meat and pork, soy, tobacco, wood and furniture chains, not only in production, but also in export flows. These chains are internationalized, with great dynamism and have shown to have resilience. However, this dynamism of the chain contrasts with some problems/challenges, among them the concentration of the destination of exports and the pressures from global chains.

Key words: Agrobusiness; Foreign Trade; Santa Catarina

Classificação JEL: F6; Q02; Q13

* Professora do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: fuhr.janaina@gmail.com

** Professor do Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: arlei.fachinello@ufsc.br

***Pesquisador da Empresa de pesquisa agropecuária e extensão rural de Santa Catarina (EPAGRI). E-mail: toresan@epagri.sc.gov.br

****Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: luisalacerdalb@gmail.com

1 Introdução

O agronegócio catarinense é referência nacional em diversos aspectos. Tendo como base uma agropecuária em que predomina a gestão familiar e propriedades de tamanho relativamente pequeno, o estado se destaca na produção de produtos, tais como a carne de frango, a de suínos, ovos, leite, maçã, cebola, fumo, madeira, entre outros. Mesmo possuindo pequena área agrícola, comparado a outros estados, a produção, em geral, se destaca pela alta produtividade em culturas específicas. Também, a intensa relação com a agroindústria, na forma de fornecedores de matéria-prima, amplia suas possibilidades de comércio, com maior agregação de valor, abrangendo os mercados nacional e internacional.

No contexto estadual, a cadeia avícola e suinícola possui destaque em âmbito nacional e internacional e, responde pela maior parcela do produto e exportações do agronegócio do estado. Seu bom desempenho se dá pelo grau de articulação entre os diferentes fornecedores de insumos e pela capacidade de adaptação de todo o sistema produtivo. Também são destaques a produção de grãos e seu processamento no estado, assim como toda cadeia florestal que tem como principais linhas de atuação a produção de madeira, de móveis e de celulose e papel. De forma geral, o agronegócio responde por parcela significativa da renda, do emprego e das exportações em Santa Catarina.

Grande parte da dinâmica produtiva do agronegócio do estado vem sendo construída e consolidada a partir das vendas para o exterior. Grandes empresas especializadas, com elevadas escalas de produção, dominam o cenário estadual. Sistemas de integração controlam os fluxos em toda a cadeia, elevando o dinamismo e a competitividade de seu produto. Nesse contexto, a busca por mercados externos foi sendo construída e, pode-se dizer consolidada, embora movimentos oscilatórios ocorram com frequência.

No ano de 2020, as exportações catarinenses somaram US\$ 8,1 bilhões, sendo US\$ 5,7 bilhões ou 70,2% de produtos do agronegócio do estado. No Brasil, do total de US\$ 209,7 bilhões exportados, 47,7% representaram produtos do agronegócio, somando US\$ 100 bilhões. Esses números refletem, em parte, a dimensão e importância das atividades do agronegócio em Santa Catarina e também no Brasil.

Nesse contexto, o presente trabalho busca analisar a trajetória recente das exportações do agronegócio catarinense, visando entender o papel do comércio exterior, especialmente das exportações, na evolução recente do agronegócio do estado. Para isso, foram reunidos dados de produção, geração de renda e fluxos de exportações das principais cadeias do agronegócio catarinense. Cabe destacar que a leitura dos dados do agronegócio em Santa Catarina, e

apresentados no corpo do trabalho, se restringiu aos elos primário e agroindustrial. O agronegócio, normalmente, é compreendido incluindo um setor fornecedor de insumos e outro de distribuição e serviços, mas estes não foram inseridos na maioria das análises em função da indisponibilidade de dados para Santa Catarina.

O texto está organizado em 5 seções. Além desta introdução, o texto é composto por uma revisão conceitual do agronegócio e suas relações com o comércio internacional. Nas seções seguintes são discutidas as características do agronegócio catarinense e as suas relações com o mercado externo. Por fim, são redigidas as considerações finais.

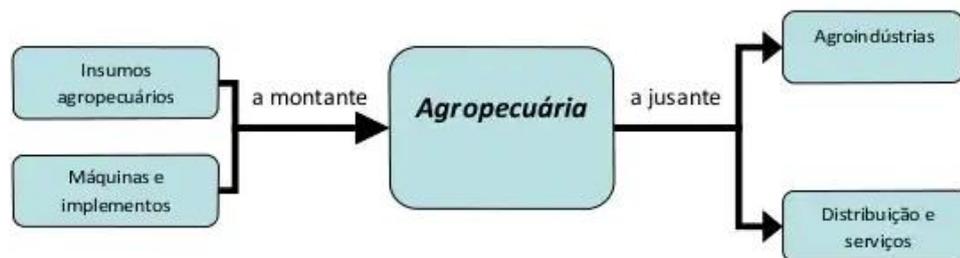
2 O agronegócio e suas relações econômicas no Brasil

O entendimento de *Agribusiness* foi inicialmente proposto por Davis e Goldberg (1957) na Universidade de Harvard (Estados Unidos), e no Brasil é denominado Agronegócio ou complexo Agroindustrial. O conceito se refere à soma de todo o conjunto de atividades econômicas que são interligadas com uma relação de encadeamento, controle ou coordenação entre os vários elementos envolvidos, entre agricultura, indústria e serviços, e cada vez é mais difícil estabelecer limites entre eles. São indicados estudos feitos a partir das cadeias produtivas, por englobar as diversas etapas do processo produtivo, a interligação destes se apresenta como um processo dependente tanto da produção quanto da comercialização (AQUINO, 2016).

Como pode ser visualizado na Figura 1, a cadeia do agronegócio é composta por um conjunto de atividades a montante da atividade agropecuária, fornecedoras de insumos agropecuários e de máquinas e implementos agrícolas. A partir dos produtos primários, outro conjunto de atividades de processamento e distribuição e serviços realizam o encadeamento das atividades da cadeia produtiva, fazendo chegar ao consumidor final nacional ou estrangeiro o produto catarinense.

Os principais itens a serem considerados nas análises das cadeias produtivas do agronegócio são as informações sobre a evolução de variáveis como a produção, a participação na produção nacional, a relação de seu tamanho no mercado interno, a exportação e sua participação no comércio internacional, a importação e sua participação no mercado interno. Há um conjunto de setores econômicos que é fundamental para o funcionamento destas cadeias, como logística e transporte, sistema financeiro e de capitais, instituições tecnológicas de ensino e pesquisas, extensão rural e assistência técnica, órgãos públicos e empresas de classificação, certificação e fiscalização de cadeias produtivas (MIELE; WAQUIL; SCHULTZ, 2011, apud AQUINO, 2016).

Figura 1 - Fluxograma do agronegócio ou cadeias produtivas



Fonte: Fachinello (2016).

As transformações tecnológicas e organizacionais, a partir da década de 1990, alteraram a dinâmica competitiva do mercado agropecuário, ocasionando a especialização, a intensificação e a concentração da produção, visando economias de escala e a demanda do mercado internacional. Políticas públicas adotadas no Brasil, sendo a principal delas o crédito rural subsidiado, contribuíram para esta concentração da produção, funcionando como uma estratégia para minimizar os riscos. As mudanças no ambiente econômico global aumentaram a demanda por produtos primários, bem como a modernização da agropecuária.

A internacionalização do mercado de *commodities* ocasiona a intensificação e a concentração da produção e a especialização dos estabelecimentos, onde para resistir a forte concorrência tem sido imprescindível o uso de tecnologia e de economias de escala. Neste novo padrão produtivo conhecido como *agribusiness*, o enfoque é a redução de custos de produção e de transação, para reduzir o custo de repasse da produção para os próximos elos da cadeia, como a exportação (MILVERSTET; FACHINELLO, 2019).

A dinâmica do crescimento da produção da agricultura e do agronegócio, conforme Contini (2014), depende fundamentalmente da demanda externa, a conquista de novos mercados no exterior seria capaz de sustentar o aumento da produção, elevar a renda dos agricultores e dos demais elos das cadeias produtivas. O agronegócio brasileiro impulsiona oportunidades de negócios internacionais ao possuir condições de suprir de alimentos e outros produtos agropecuários os países com dificuldade de abastecimento de seus mercados. O autor identifica como propulsores da ampliação de potenciais exportações: o crescimento populacional no mundo, a elevação da renda per capita, a crescente inter-relação dos mercados, o comércio internacional e a criação de novos mercados. O desempenho da produção brasileira agrícola e agroindustrial vem se confirmando como um caso de sucesso, segundo o autor, a título de comparação, as exportações atingem recordes históricos ao se aproximarem dos US\$ 100 bilhões em 2013, contra os US\$ 20 bilhões no ano 2000.

Alguns setores se destacaram na pauta de exportação do agronegócio brasileiro desde os anos 2000, sendo eles o complexo soja, as carnes, o complexo sucroalcooleiro e os produtos florestais, onde juntos representaram 72,1% do valor exportado em 2016, em 2000 representavam 57,3%. O complexo soja destacou-se com uma participação de 29,9% em 2016 contra 20,4% que representava em 2000, o setor de carnes e o complexo sucroalcooleiro também tiveram acréscimos na participação (2000: 9,5% e 6%; 2016: 16,7% e 13,4% respectivamente), entretanto o setor de produtos florestais apresentou a maior queda na participação dos produtos do agronegócio, passando de 21,45% em 2000 para 12,06% em 2016 (BUCHMANN *et al.*, 2021).

Esta mudança na estrutura produtiva alterou os quatro principais destinos das exportações brasileiras: 2000: União Europeia (41,3%), Estados Unidos (18,05%), Japão (4,76%) e China (2,73%); 2016: China (24,5%), União Europeia (19,6%), Estados Unidos (7,3%) e Japão (2,87%). Em 2016, o agronegócio representou 45,9% do total das exportações, em 2000 sua representação era de 37,4%. Também, é possível verificar o crescimento do superávit do agronegócio: em 2000, a balança comercial do agronegócio brasileiro representou um superávit de US\$ 14,8 bilhões; em 2016 fechou com superávit de US\$ 71,3 bilhões.

No contexto da recente crise econômico-financeira mundial, as exportações do agronegócio têm minimizado os desequilíbrios das contas externas, entretanto, apesar da evolução positiva do agronegócio na balança comercial, as exportações têm declinado nos últimos anos: em 2013, as exportações atingiram seu maior valor, US\$ 100 bilhões, reduzindo para US\$ 84,9 bilhões ao final do período analisado 2016 (BUCHMANN *et al.*, 2021).

A partir dos aspectos relacionados ao entendimento das cadeias e do agronegócio são apresentados os principais elementos do agronegócio catarinense. Como foi dito, há diversos elementos que compõem a cadeia do agronegócio, sendo que nesse artigo será realizado um recorte abrangendo as informações da produção agropecuária e da agroindústria, mas não as dos setores de insumos e da distribuição dada a dificuldade para desagregação dos dados¹.

3 A estrutura produtiva do agronegócio de Santa Catarina

Santa Catarina corresponde a, aproximadamente, 1,12% do território nacional e cerca de 3,5% da população nacional. Sua estrutura produtiva é diversificada, apresentando em cada

¹ O presente trabalho não incluiu o setor têxtil e de vestuário no recorte do agronegócio utilizado na análise, uma vez que o estado não é produtor de algodão e a indústria local é muito dependente de insumos externos para sua produção. Por esse motivo, foi decidido não incluir esse setor citado.

mesorregião diferentes atividades e especialidades, com destaques para os complexos Agroindustriais (SANTOS FILHO, 2006, p. 104). De acordo com Arend *et al.* 2019, o agronegócio catarinense é extremamente conectado ao mercado internacional, principalmente nas cadeias produtivas de soja, aves, suínos e madeiras, e vem passando por um intenso processo de especialização, mecanização e automatização de atividades.

No espaço rural, a diversificação produtiva também se configura pelas características geofísicas mesorregionais, assim como em função dos fluxos migratórios mais recentes, distribuindo as populações e habilidades nas diferentes regiões do estado. Com estabelecimentos de tamanho relativamente pequeno em que prepondera a gestão familiar, o estado se destaca na produção de carnes de frango, suíno, ovos, leite, maçã, cebola, fumo, madeira entre outros. Ademais, sua intensa relação com a agroindústria estende seus mercados para além das fronteiras regionais.

A estrutura fundiária catarinense é distinta da maior parte dos estados brasileiros, com predominância de pequenas propriedades. Testa *et al.* (1996) apontam que a produção familiar diversificada voltada ao mercado, tornou-se a base do crescimento econômico regional. Também é diversificada por obter renda de várias explorações com fins comerciais e de autoabastecimento. De acordo com Arend *et al.* 2019, parte importante da estrutura econômica da agricultura catarinense está assentada na organização dos sistemas produtivos da agricultura familiar, que buscam se integrar nas cadeias de produção, processamento e comercialização, coordenadas por cooperativas e agroindústrias vinculadas, em especial, aos mercados externos.

A Tabela 1 apresenta o valor de produção e participações dos principais produtos agropecuários em Santa Catarina nos anos de 2008, 2013 e 2018, o que permite visualizar a participação e evolução mais recente das principais atividades. Destacam-se as atividades da pecuária, com quase 70% do valor de produção no ano de 2018.

Na pecuária, a atividade de criação de animais de pequeno porte foi incorporada inicialmente como atividade de subsistência pelos imigrantes, mas logo ganhou escala tornando-se um dos principais produtos da agropecuária catarinense. A instalação e expansão da indústria de carnes no estado impulsionaram o crescimento dos rebanhos nas últimas décadas, especialmente o de suínos e aves. Os sistemas de integração entre produtor rural e agroindústria predominam, elevando o grau de especialização, ganhos de escala e direcionamento dos produtos para o mercado externo. É na avicultura que se observa a maior expansão desde os anos setenta, tornando-se a principal atividade da pecuária em valor de produção no estado. Já a suinocultura tem maior representatividade no contexto nacional que a avicultura – próximo de 30% do rebanho nacional.

Tabela 1 – Composição da agropecuária em Santa Catarina, baseada no valor de produção, entre 2008 e 2018

	2008	2013	2018	Part. % 2018
Lavouras - R\$ milhões	5.997	7.930	9.756	27,3%
Soja (em grão)	11,3%	18,3%	28,2%	
Fumo (em folha)	21,3%	22,2%	17,2%	
Milho (em grão)	25,9%	17,6%	14,5%	
Arroz (em casca)	9,5%	8,2%	8,0%	
Maçã	7,5%	5,7%	6,0%	
Cebola	4,1%	3,6%	6,6%	
Banana (cacho)	3,2%	3,9%	4,3%	
Outros	17,2%	20,5%	15,2%	
Silvicultura - R\$ milhões	1.021	1.460	1.479	4,1%
Madeira em tora	83,6%	84,3%	83,9%	
Outros	16,4%	15,7%	16,1%	
Pecuária - R\$ milhões	19.482	27.338	24.551	68,6%
Bovinos	4,7%	4,3%	6,8%	
Leite	8,8%	16,4%	21,2%	
Suínos	26,1%	20,8%	22,7%	
Frango	57,0%	55,2%	46,1%	
Ovos	3,4%	3,3%	3,2%	
Agropecuária/soma	26.500	36.728	35.786	100,0%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PAM, PPM e PEVS do IBGE (2021).

Na bovinocultura, destaca-se a produção de leite. A atividade ganhou novos ânimos nas últimas décadas e vem sendo uma das principais atividades econômicas na geração de renda dos agricultores. A atividade se desenvolve em todo o estado, concentrando-se, especialmente, nos estabelecimentos menores que 50 hectares. Os sistemas de produção são variados, existindo desde produtores voltados à subsistência até aqueles especializados. As pastagens nativas são a principal fonte de nutrição animal.

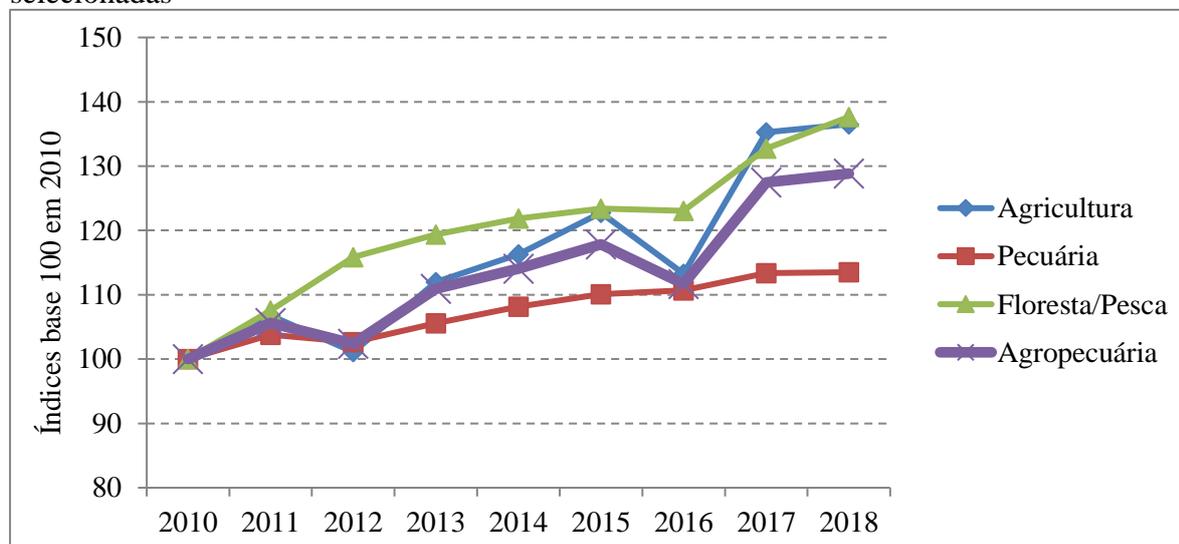
No campo agrícola, destacam-se os produtos soja, fumo e milho, arroz, maçã, cebola e banana, conforme se observa na Tabela 1. Somente os três primeiros representam cerca de 60% do valor da produção de lavouras em 2018. A produção de grãos (milho e soja) está diretamente vinculada à alimentação animal no próprio estado e produtos como cebola, fumo, maçã e alho se destacam em participação da produção nacional, como já evidenciado. Somente a produção de maçã no estado representa mais de 50% do volume produzido em território nacional.

A silvicultura, também é destaque entre as atividades por gerar a matéria-prima utilizada por uma importante indústria no estado. A indústria de processamento da madeira vinha crescendo e ganhando espaço nas últimas décadas, impulsionada pela expansão da indústria de madeira e móveis, papel e papelão, mas recentemente a indústria de móveis perdeu fôlego,

enquanto a de papel e papelão continuou sua tendência de crescimento. Mesmo assim, Santa Catarina tem posição de destaque nacional no setor florestal, com cerca de 10% da área florestal plantada do país, sendo as atividades primárias concentradas nas mesorregiões Norte e Serrana.

O Gráfico 1 apresenta a evolução do volume do valor adicionado das atividades agrícola, pecuária e floresta/pesca, permitindo uma visualização da evolução mais recente da importância desses grupos na composição de renda dos agricultores em Santa Catarina. Os setores florestal e de pesca estão agregados em função da forma de divulgação dos dados de valor adicionado pelo IBGE. É possível perceber uma tendência de expansão desde 2010 em todas as atividades agregadas. As atividades da pecuária e agrícola continuam em expansão, sendo impulsionados pela demanda internacional. Na agricultura, a produção de soja vem ganhando espaço, em grande parte substituindo áreas tradicionais de produção de milho, sendo direcionadas diretamente para o mercado externo.

Gráfico 1 – Evolução de volume do valor adicionado entre 2008 e 2018 de atividades selecionadas



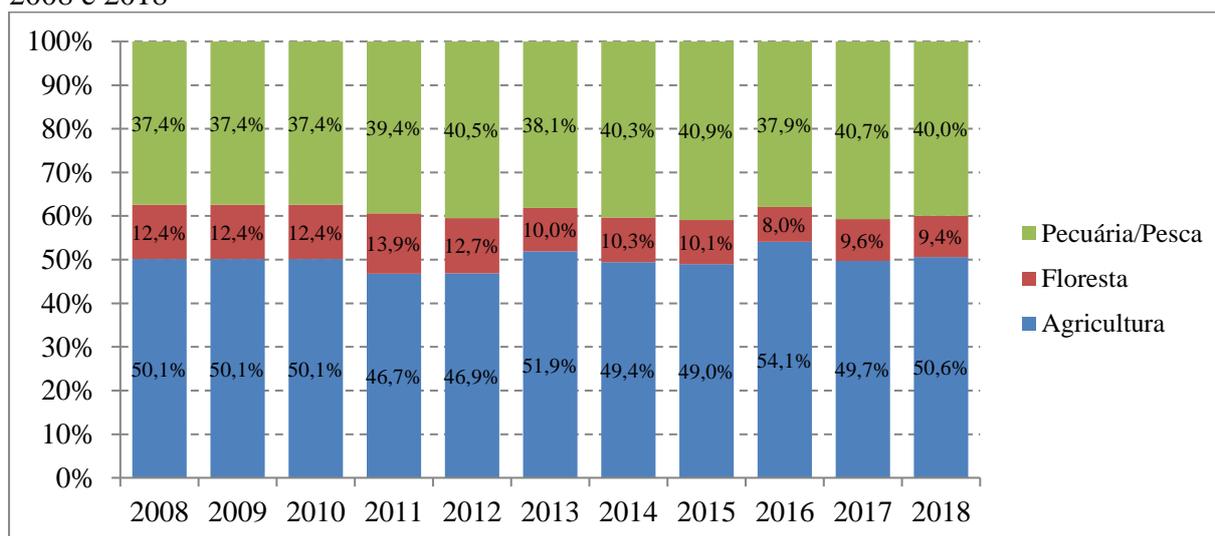
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Sistema de Contas Regionais (IBGE, 2021).

No Gráfico 2 é possível visualizar a importância dos três grupos de atividade na composição da renda gerada pela agropecuária catarinense. Os produtos agrícolas contribuíram com cerca de 50% da renda ao longo do período de 2008 e 2018. Já a pecuária ocupa aproximadamente 40%, com ampliação da participação sobre o setor florestal, que vem reduzindo lentamente sua parcela na composição da renda agropecuária em Santa Catarina nos últimos anos, ficando em 9,4% em 2018.

Diante da intensa integração do setor primário e agroindustrial em Santa Catarina, os movimentos de tendência ao longo do tempo dentro da porteira estão diretamente relacionados

com as movimentações do lado da indústria. No Gráfico 3 observa-se a evolução do volume de produção de algumas agroindústrias no estado. Destaca-se o ritmo acelerado de expansão da produção da indústria de celulose e papel, que vem ganhando espaço entre as atividades de processamento de produtos florestais desde os anos de 2011, quando o segmento moveleiro “entrou em crise”. Segundo Santos Filho e Moreira (2020), isso se deve, em parte, à elevação dos custos e a um câmbio desfavorável, mas os autores salientam que o setor está em processo de recuperação nos anos mais recentes.

Gráfico 2 – Composição do valor adicionado da agropecuária catarinense por segmento entre 2008 e 2018

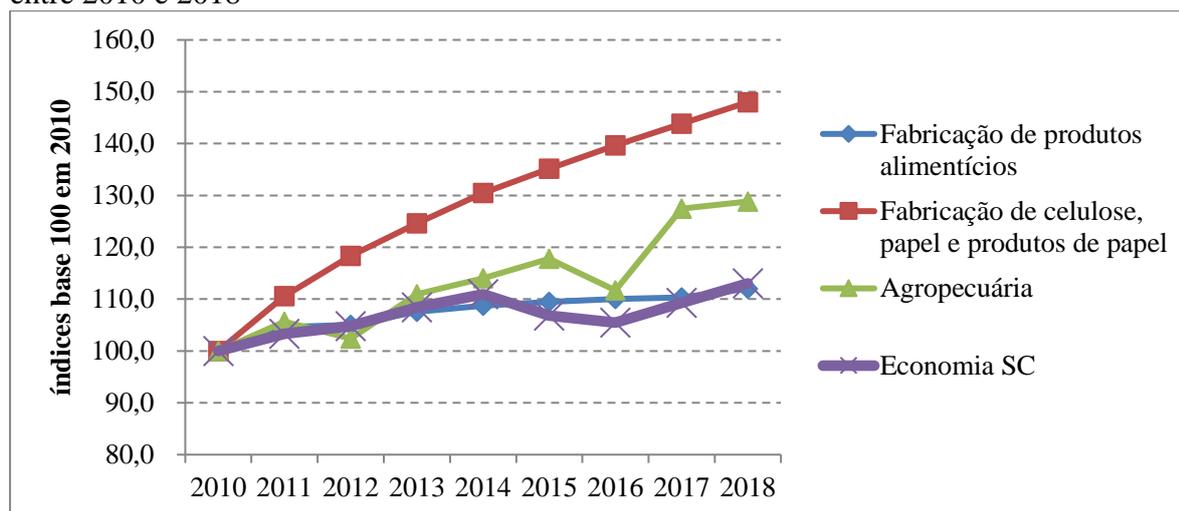


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Sistema de Contas Regionais (IBGE, 2021).

O Gráfico 3, também, mostra a evolução da economia do estado, o que permite observar uma mudança de ritmo da economia durante a crise econômica e política de 2014, voltando a crescer em 2017. Já a agropecuária e as agroindústrias não sofreram tanto com a crise nacional, ampliando assim as suas participações na economia estadual.

Santa Catarina se diferencia no cenário econômico nacional pela participação mais elevada da indústria na economia. E dentre essas atividades o processamento dos produtos agropecuários ou agroindústria tem seu espaço de destaque. São grandes empresas, competitivas, com elevada escala de produção e baseadas em matérias-primas locais, tendo grande foco em atender os mercados nacional e internacional. O estado conta alguns líderes nacionais da cadeia de aves e suínos, com forte tradição empreendedora e de inovação, como: Bunge Alimentos em Gaspar; Sadia em Concórdia; Aurora Alimentos em Chapecó; BRF em Videira, Seara e Itajaí; entre outras. O fumo se mostra bastante relevante no estado, sendo que somente uma empresa (Souza Cruz) realiza o beneficiamento do produto visando à exportação.

Gráfico 3 - Evolução de volume de produção das agroindústrias selecionadas de Santa Catarina entre 2010 e 2018



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PIM e SCR do IBGE (2021).

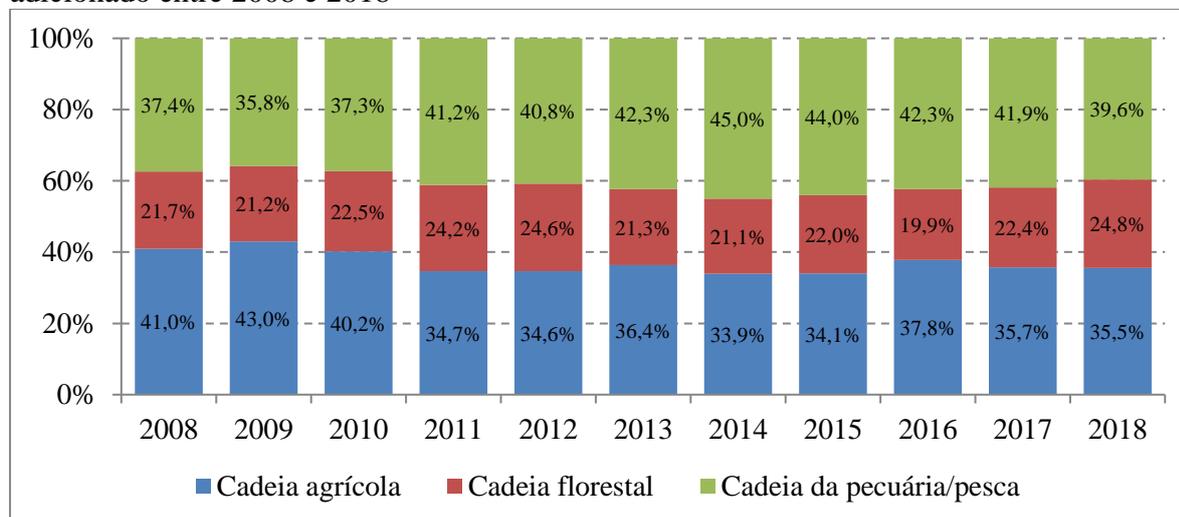
Embora a indústria catarinense apresente elevada diversificação de suas atividades, pode se dizer que há uma intensa especialização em alguns segmentos e também regional. O complexo agroindustrial se concentra na Região Oeste do estado, principal região agrícola, com destaque no beneficiamento de alimentos e bebidas, como: carnes bovina, avícola e suína; leite e derivados; fumo, soja e milho. A agroindústria de carnes de aves e suínos do estado se apresenta entre as principais empresas do país, com forte tradição empreendedora e de inovação (AQUINO, 2016).

Como o agronegócio é um conjunto de atividades, relacionadas em formato de cadeias de relacionamento, incluindo atividades de produção de insumos para a agropecuária, produção primária, processamento e distribuição, existe um conjunto de indústrias especializadas em atender as atividades agropecuárias, estando entre elas a de produção de fertilizantes, defensivos, medicamentos para animais, rações e máquinas e equipamentos agrícolas. Em Santa Catarina elas representam uma pequena parcela no grupo de agroindústrias, girando em torno de 7%. Grande parte desses insumos são importados ou adquiridos de empresas de outros estados, sendo exceção e destaque a produção de rações no estado, que alimenta toda a cadeia da pecuária. Cabe destacar que uma parcela importante dos insumos dessa indústria, como milho e ração, vem de outras regiões do país.

O Gráfico 4 mostra as participações das atividades agropecuária e agroindustrial no estado, separadas nos seus três principais segmentos. Não foram incluídas as atividades de produção de insumos em função das dificuldades de separação entre os segmentos, já que elas fornecem insumos para todos os segmentos. Isso permite visualizar a importância de cada segmento no agronegócio estadual, uma vez que as atividades de distribuição e serviços estão

diretamente relacionadas a cada segmento. Como se observa, a cadeia da pecuária/pesca é atualmente a de maior participação no estado, com cerca de 40% do valor adicionado entre os três segmentos, apresentando uma tendência de ampliação entre os anos de 2008 e 2018. Destaca-se a existência de plantas de processamento de aves e suínos especializadas em atender os mercados internacionais.

Gráfico 4 - Participação das grandes cadeias no agronegócio de Santa Catarina no valor adicionado entre 2008 e 2018



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Sistema de Contas Regionais do IBGE (2021).

Obs.: Inclui agropecuária e agroindústria.

A agroindústria agrícola perdeu espaço entre os anos de 2008 e 2018, girando mais recentemente em torno de 35% de participação no valor adicionado das três principais cadeias do agronegócio estadual. Já as atividades florestais, mesmo enfrentando uma crise setorial pós 2010, manteve sua participação relativa no agronegócio estadual, o que, em parte se deve ao crescimento das atividades de celulose e papel durante o período.

No próximo tópico, ao ser abordado o fluxo de comércio desses três segmentos, será possível entender melhor a evolução recente e a importância do comércio exterior para a dinâmica da atividade do agronegócio no estado de Santa Catarina.

4. A importância do comércio internacional para o agronegócio de Santa Catarina na última década

O agronegócio está enraizado no território catarinense, conforme destacado na seção anterior, influenciando na dinâmica da economia local. Quando se analisa as relações comerciais do agronegócio catarinense com o mundo, observa-se que o estado exportou 6,68

milhões de toneladas de produtos do setor em 2020, mais que o dobro do volume exportado em 2010. Esse volume correspondeu a US\$ 5,7 bilhões em 2020. A expressividade desse valor fica evidente quando observamos que o setor foi responsável por 70% do valor das exportações totais catarinenses em 2020.

Quando analisamos a trajetória das exportações do agronegócio percebemos uma trajetória oscilante, havendo elevação dos valores de 2010 até 2013 e de 2016 até 2018, trajetória similar à das exportações nacionais do setor. A diferença entre os dois âmbitos está na importância do setor nas exportações totais, no caso brasileiro foi de 48% em 2020, valor significativamente inferior aos 70% observados no caso catarinense, demonstrando uma maior especialização catarinense.

Conforme Arend *et al.* (2019), o Brasil é reconhecido no âmbito internacional pela sua elevada especialização e competitividade no agronegócio, tendo participação destacada nas cadeias globais de valor de produtos de origens animal e vegetal. Essa maior importância do setor, no caso catarinense, pode refletir uma maior dependência das cadeias globais de valor nas quais o agronegócio está inserido. Um fato interessante que ocorreu no período foi o aumento da participação do agronegócio nas exportações totais. Em 2010, a participação brasileira era de 37% e a catarinense de 63%. Isso pode ser explicado, em parte, pelo aumento da demanda chinesa. Sobre essa temática, Veiga e Rios (2016) chamam atenção para o impacto nas exportações brasileiras baseadas em recursos naturais da emergência da China e sua crescente demanda por commodities.

Outro ponto acerca da expressividade do agronegócio catarinense é que além da sua representatividade nas exportações do estado, o mesmo se verifica no valor total das exportações do agronegócio brasileiro. O estado responde por aproximadamente 6% do valor total das exportações nacionais do setor, enquanto conta com aproximadamente 1,12% do território nacional. Essa informação corrobora com o indicado na seção anterior, de que o Estado apresenta produtividade elevada em determinadas atividades.

Quando analisamos a trajetória das importações catarinenses relacionadas com o agronegócio, observa-se um valor de US\$ 2,05 bilhões no ano de 2020, valor superior aos US\$ 1,32 bilhões registrados em 2010. Uma possível explicação para tal aumento está relacionada com a mudança no regime do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Além disso, destaca-se que a expressividade das importações está relacionada com a questão portuária, dado que o estado conta com uma infraestrutura portuária expressiva, sendo boa parcela da importação destinada para consumo em outros estados.

A partir deste panorama inicial surge o questionamento sobre quais grupos e produtos do agronegócio catarinense se destacam no âmbito das relações comerciais com o mundo. No ano mais recente, diferentemente do que foi observado nas informações do valor adicionado de 2018, onde predominavam os produtos de origem vegetal, 54% das exportações do setor foram de produtos de origem animal, 27% produtos florestais e 23% produtos de origem vegetal. Essa predominância dos produtos de origem animal já se observava em 2010, sendo que em 2012 atingiu 59%. No caso dos outros dois grupos ocorreu uma inversão na participação - em 2010, 18% era atribuído aos produtos florestais e 27% aos produtos de origem vegetal - sendo que esse processo ocorreu gradualmente a partir de 2013. Quando retrocedemos a série até 2001, verificamos que os produtos florestais apresentaram participação expressiva até 2006, ocupando a segunda colocação com 36%, e a partir de então houve redução da participação. Uma possível explicação para essa redução da participação do setor florestal reside no aumento da concorrência na cadeia global.

Estudos sobre a produção moveleira do estado, focando na região Nordeste, já indicavam os desafios com a concorrência chinesa. Os dados obtidos por Comerlatto e Lins (2008), em entrevistas com diversos *players* do setor em São Bento do Sul, indicaram a China como a principal concorrente. Como o preço é um elemento poderoso na concorrência do setor, o fato dos países asiáticos contarem com mão de obra com custo inferior num setor intensivo em mão de obra era uma ameaça à posição da região na cadeia global de valor (COMERLATTO; LINS, 2008). Numa análise mais recente da cadeia, Rodrigues *et al.* (2018) observaram que os fabricantes locais de móveis estavam buscando aprimorar o acabamento dos produtos e agregar mais valor, dado que “a concorrência de países asiáticos tornou os móveis mais simples e com acabamentos menos sofisticados, inviáveis para os mercados da Europa” (RODRIGUES *et al.*, 2018, p. 16).

No tocante aos principais produtos exportados em 2020 observou-se uma concentração em 5 cadeias, apesar da diversificação da produção local evidenciada na seção anterior. Entre os produtos de origem animal se sobressaíram a carne de frango e carne suína, que conjuntamente responderam por cerca de US\$ 2,67 bilhões, conforme indicado no Quadro 1. Já os produtos do complexo soja e tabaco e derivados foram destaque no âmbito da produção vegetal, enquanto que madeira e produtos de madeira se sobressaíram nos produtos florestais.

No caso da competitividade da produção da carne de frango, isso não ocorre apenas no âmbito catarinense. Veiga e Rios (2016) destacaram a competitividade do Brasil no segmento, decorrente de fatores como a dotação de recursos naturais favoráveis, a considerável disponibilidade de insumos básicos (soja e milho), o modelo produtivo adotado pelas principais

cooperativas e firmas do setor (modelo de integração) e estratégia das empresas nos mercados domésticos e externos, buscando, por exemplo, a inserção em segmentos onde não apenas o preço determina a preferência do consumidor.

As cinco cadeias destacadas acima responderam por 81,2% do valor das exportações do agronegócio do estado em 2020, indicando uma concentração das mesmas. Arend *et al.* (2019) destacaram que no âmbito da agricultura e do meio rural catarinense tem-se testemunhado um profundo processo de transformação. De um lado, com cadeias produtivas se desenvolvendo principalmente a partir da dinâmica do mercado interno, mas, por outro, também se observa a intensificação da produção de commodities cuja dinâmica econômica é determinada pela ampliação das escalas de produção e a dependência dos mercados externos (ARENDE *et al.*, 2019). Entre commodities citadas pelos autores estão a produção de carnes, soja e tabaco.

Quadro 1 – Principais produtos do agronegócio exportados por Santa Catarina, em bilhões de US\$, 2010, 2015 e 2020

Produtos exportados	2010	2015	2020
Produtos de origem animal	2,65	2,57	3,07
Carnes de frango e derivados	2,02	1,79	1,50
Carnes de suínos e derivados	0,34	0,44	1,17
Couros e peles, lãs, crinas e sedas	0,03	0,08	0,05
Peixes, crustáceos, moluscos e derivados	0,03	0,03	0,04
Outros produtos de origem animal	0,24	0,23	0,31
Produtos de origem vegetal	1,26	1,31	1,11
Produtos do complexo soja	0,23	0,65	0,70
Tabaco e derivados	0,87	0,54	0,26
Rações e produtos para alimentação animal (exceto de soja ou milho)	0,00	0,01	0,03
Açúcares, cacau, chocolates e preparações alimentícias	0,04	0,01	0,02
Outros produtos de origem vegetal	0,12	0,10	0,11
Produtos florestais	0,84	1,04	1,52
Madeira e obras de madeira	0,41	0,60	1,00
Móveis de madeira	0,25	0,19	0,27
Papel e celulose	0,18	0,25	0,25
Total do agronegócio - Santa Catarina	4,76	4,92	5,70
Total do agronegócio - Brasil	74,62	87,27	100,07

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do ME.

Esse processo de especialização que vem ocorrendo na economia catarinense tem como pontos que causam inquietação a redução do número de produtores que atuam nessas cadeias, principalmente quando se considera que uma característica intrínseca da agricultura catarinense é a predominância da agricultura familiar, com maior controle externo sobre os sistemas

produtivos locais (AREND *et al.*, 2019), o que a torna mais suscetível às pressões das cadeias globais de valor.

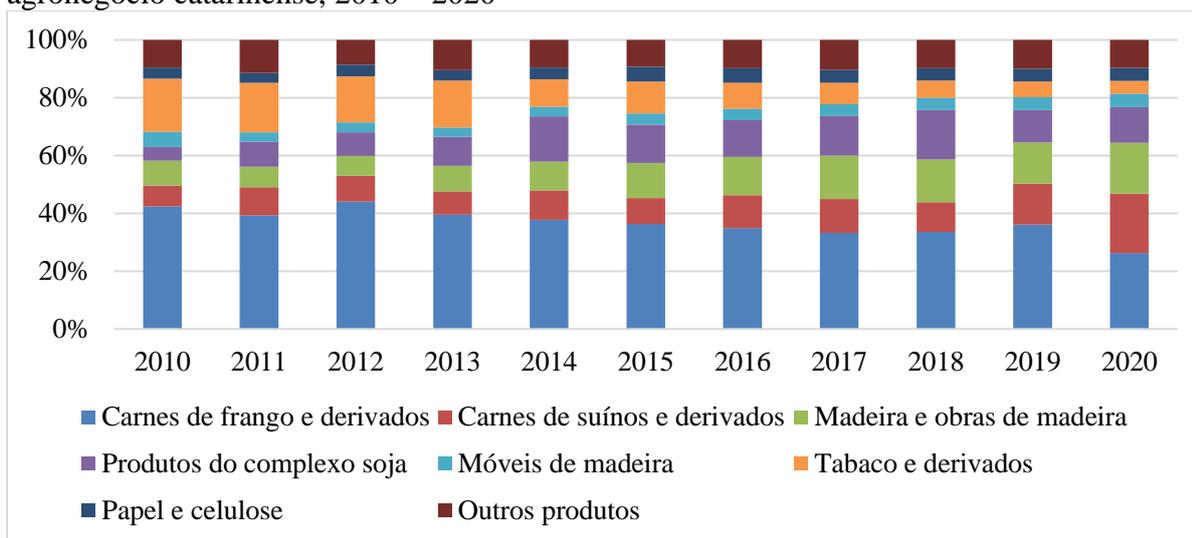
As pressões externas podem gerar exclusão de produtores que não conseguem se adaptar às exigências da cadeia, como ampliação da escala de produção ou incremento tecnológico. A título de exemplo podemos citar o caso da cadeia produtiva de suinocultura no Oeste catarinense, em que “[...] o processo de seleção e consequente exclusão de produtores [...] tem sido uma característica permanente ao longo da história recente da atividade e está condicionado à rentabilidade das agroindústrias líderes e à sobrevivência das organizações de nicho” (MIELE; MIRANDA, 2013, p. 219). Essas empresas competem no mercado globalizado e são afetadas pelas suas exigências, seja nas exportações seja na concorrência no mercado doméstico com outras carnes.

Os aspectos antes pontuados são relevantes pois as possibilidades locais de desenvolvimento tendem a ser condicionadas pela forma de inserção da região na cadeia global de valor e pelo enraizamento dos processos produtivos nos territórios locais. Além disso, Lins (2015) pontua que medidas de apoio e fomento resultantes de articulações entre o setor público, o tecido empresarial e institucional das regiões tem potencial para influenciar o desenvolvimento da região.

Cabe destacar que no período analisado ocorreu alteração da composição das exportações, conforme indicado no Gráfico 5. A alteração mais expressiva foi a redução da participação da carne de frango, passando de 42% em 2010 para 26% em 2020. Outra redução ocorreu no caso do tabaco, de 18% para 4%. Dentre os produtos que aumentaram a participação destaca-se a carne suína, produto já tradicional do estado, madeira e os produtos do complexo da soja. Com relação ao último produto, a partir dos dados dos Censos Agropecuários de 2006 e 2017, Arend *et al.* (2019) chamaram a atenção para a mudança da ocupação do solo catarinense, principalmente pela substituição da área destinada ao plantio de milho pela de soja.

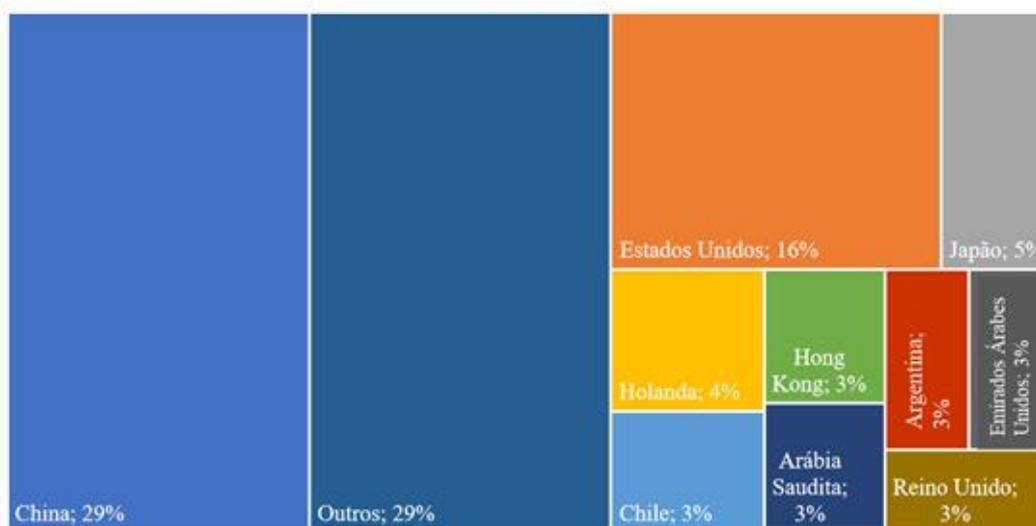
Após analisar os principais grupos e produtos do agronegócio catarinense surge a indagação sobre o destino desses produtos buscando compreender a inserção do setor na economia globalizada. As exportações do agronegócio se mostraram concentradas em quatro países, que adquiriram 54% do valor; quando se amplia para os 10 principais destinos a participação muda para 71%, segundo o Gráfico 6. Essa concentração das vendas em poucos compradores preocupa pela dependência que a mesma pode causar. Ao analisar o destino das exportações do setor em 2000 e 2016, Arend *et al.* (2019) observaram uma mudança estrutural, com perda de participação da América do Norte e aumento da Ásia, revelando uma crescente dependência da demanda chinesa, por parte do agronegócio catarinense.

Gráfico 5 – Evolução da participação dos principais produtos no valor das exportações do agronegócio catarinense, 2010 – 2020



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do ME.

Gráfico 6 – Destino das exportações do agronegócio de Santa Catarina, participação no valor – 2020



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do ME.

Ao detalhar mais o destino das exportações começamos a perceber comportamentos distintos entre os grupos de produtos, conforme o Quadro 2. No caso dos produtos de origem animal, os três principais destinos responderam por 48% das exportações em 2020. Quando se analisa os anos de 2010 e 2015 percebe-se que a Rússia foi o 4º e 2º principal destino, respectivamente. O país em questão importava uma quantidade expressiva de carne suína, mas aplicava uma série de barreiras sanitárias/embargo de frigoríficos. Para evitar essa situação, os exportadores buscaram novos destinos às exportações, focando mercados alternativos como a China e o Oriente Médio.

Quadro 2 – Principais destinos dos produtos do agronegócio de Santa Catarina, participação no valor – 2020

País	Produtos de origem animal	País	Produtos de origem vegetal	País	Produtos florestais
China	31%	China	55%	Estados Unidos	48%
Japão	10%	Bélgica	5%	Argentina	6%
Países Baixos	7%	Estados Unidos	4%	México	6%
Chile	5%	Turquia	2%	China	5%
Hong Kong	5%	Paquistão	2%	Reino Unido	5%
Emirados Árabes Unidos	4%	Paraguai	2%	Itália	2%
Arábia Saudita	4%	Indonésia	2%	Vietnã	2%
Estados Unidos	4%	Argentina	2%	Arábia Saudita	1%
Cingapura	3%	Romênia	2%	Canadá	1%
Coreia do Sul	3%	Uruguai	2%	Paraguai	1%
Outros	23%	Outros	23%	Outros	22%
Valor total das exportações do grupo em bilhões de US\$	3,07		1,11		1,52

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do ME.

No caso do destino das exportações de produtos de origem vegetal, salienta-se a expressividade chinesa, que adquire mais da metade das exportações do segmento. Chama atenção a evolução da participação chinesa, que em 2010 era de 11% e esse valor passou a 38% em 2015. Essa evolução deriva do aumento da demanda chinesa por commodities, conforme pontuado anteriormente.

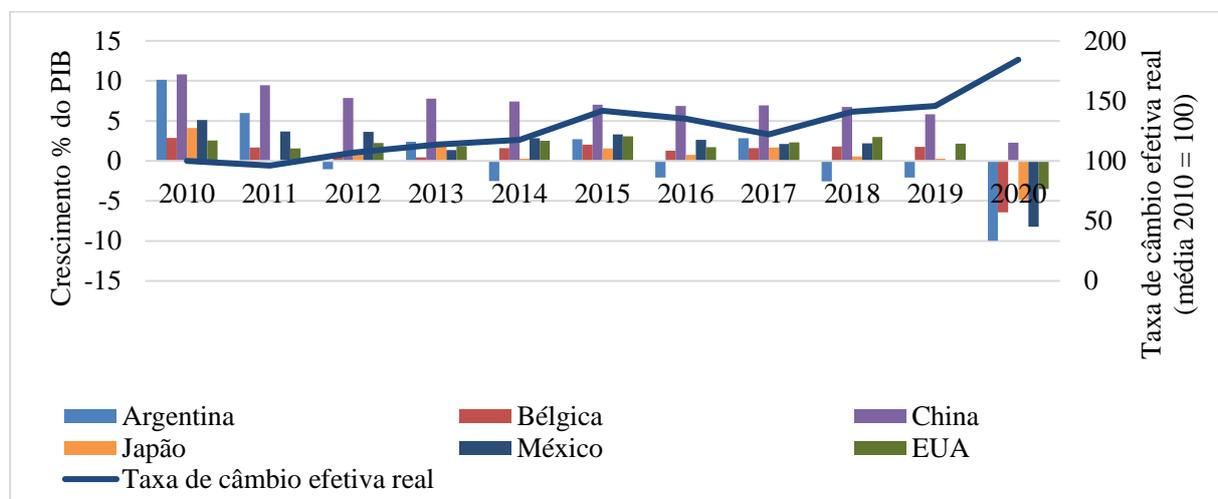
O segundo principal destino foi a Bélgica e uma possível explicação para essa colocação, dado que o país não conta com a mesma expressividade da população chinesa, é a questão portuária. Empresa *trade* com sede na Bélgica pode estar realizando a importação na União Europeia, e assim distorcendo a interpretação dos dados. Um fato similar ocorre quando analisamos o comércio internacional catarinense no âmbito municipal, com destaque para a cidade de Itajaí como grande exportador devido à presença do porto.

O destino dos produtos florestais difere dos casos anteriores, destacando-se os EUA, com 48%, seguido pela Argentina e pelo México. No caso americano, a participação se elevou no decorrer dos anos, era 25% em 2010 e 37% em 2015. O Reino Unido, por sua vez, reduziu a sua participação, deixando de ser o 3º principal destino. Um fato interessante no caso dos produtos florestais é que apesar de a China não constar entre os principais destinos ela foi a

principal origem das importações do segmento em 2020, com 35%, seguida por EUA, 28%, e Argentina, 8%. Essa expressividade chinesa corrobora com o indicado por Rodrigues et al. (2018), que o país é um *player* competitivo em segmentos do setor.

Por fim, duas variáveis citadas na literatura que ajudam a explicar a dinâmica do setor externo são a taxa de câmbio e o PIB dos países parceiros comerciais da nação. No caso da taxa de câmbio, uma taxa de câmbio desvalorizada eleva a competitividade dos produtos domésticos no exterior. Quando observamos o comportamento da variável no Brasil, percebemos que a taxa de câmbio apresentou tendência de desvalorização a partir de 2017, segundo o Gráfico 7, sendo superior a R\$ 5,00/US\$ 1,00 em 2020.

Gráfico 7 – Evolução da taxa de câmbio efetiva real (média 2010 = 100) e do crescimento do PIB (preços constantes/moeda nacional) dos principais destinos do agronegócio catarinense, 2010 – 2020



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IPEADATA e do IMF.

Por sua vez, o crescimento do PIB dos países influencia na demanda internacional dos mesmos, podendo elevar o preço dos produtos demandados quando a demanda for superior à oferta ou esta não responder tão rapidamente. Um exemplo disso, foi o efeito do aumento da demanda dos países emergentes por commodities no preço das mesmas, com destaque para a China, fenômeno conhecido como boom das commodities dos anos 2000.

Escher e Wilkinson (2019), ao analisarem o complexo soja-carne Brasil-China, chamaram a atenção para o fato de que a elevação dos preços da soja foi um fator determinante do boom. Os autores fazem uma ressalva sobre as exportações de soja, em que o interesse chinês é que o país exporte grãos *in natura*, com agregação do valor ocorrendo no destino, enquanto que para o Brasil seria interessante realizar a agregação de valor no âmbito doméstico.

Conforme indicado por Escher e Wilkinson (2019), estão ocorrendo mudanças nos hábitos alimentares na China, com aumento do consumo de proteína animal, devido a fatores como urbanização, elevação da renda per capita e afluência da nova classe média. Cabe destacar que o crescimento chinês repercute na demanda por alimentos, entre eles produtos exportados por Santa Catarina. Os dados do Gráfico 7, mostram a expressividade do crescimento chinês quando comparado com outros destinos chave das exportações catarinenses, isso ajuda a compreender, em parte, a elevada participação do país no destino das exportações do agronegócio catarinense.

5 Considerações Fiscais

A pujança do agronegócio tem sido destaque no âmbito nacional e no estadual, tanto em termos de produção quanto de comércio exterior. No caso catarinense são características marcantes, atreladas ao processo de formação histórica do estado, a predominância da gestão familiar e de propriedades de tamanho relativamente pequeno, além da intensa relação com a agroindústria que permite uma maior agregação de valor ao longo da cadeia. Esses aspectos influenciam na inserção do agronegócio catarinense nas cadeias nacionais e internacionais, ainda mais quando consideramos a expressividade da participação dos produtos do agronegócio nas exportações do estado. Nesse contexto, o objetivo do presente artigo foi analisar a trajetória recente das exportações do agronegócio catarinense, buscando entender o papel das relações comerciais com o mundo para o agronegócio catarinense.

A partir dos dados observou-se que a agroindústria dentro do estado de Santa Catarina possui uma importância mais elevada quando comparada ao âmbito nacional, conforme evidenciado pela participação do agronegócio no PIB e nas exportações. Por sua vez, a expressividade do agronegócio catarinense, respondendo por 6% das exportações do agronegócio nacional, quando comparada com o tamanho do território catarinense indica o alcance da especialização e produtividade elevada em diversas atividades.

No âmbito catarinense algumas cadeias do agronegócio se destacam pela expressividade dos resultados, entre elas as carnes de frango e suína, a soja, o tabaco, a madeira e os móveis. Essas cadeias estão voltadas tanto para o mercado doméstico quanto para o mercado internacional. No tocante à expressividade das exportações, ressalta-se que o agronegócio catarinense se mostrou internacionalizado nas principais cadeias.

O agronegócio catarinense também apresenta resiliência, como pode ser observado no caso do redirecionamento das exportações ante as dificuldades nas negociações com a Rússia.

Além disso, as cadeias produtivas aproveitaram as oportunidades internacionais que surgiram ou foram reforçadas na última década. A demanda chinesa por commodities continuou expressiva e em parte foi atendida por produtos do agronegócio catarinense, tendo o país aumentado a participação no destino das exportações e respondendo por mais da metade delas no caso dos produtos de origem vegetal.

Todo esse dinamismo da cadeia contrasta com alguns problemas, dentre eles a concentração do destino das exportações que pode resultar em maior dependência da dinâmica de alguns players da cadeia global. Além disso, esse sistema de produção, de larga escala e especializado é excludente em termos sociais, o que gera preocupações dado que o agronegócio catarinense tradicionalmente esteve assentado na agricultura familiar.

Mesmo diante de um agronegócio moderno, as transformações no conjunto da cadeia vêm afetando o estado, pressionando alguns elos da cadeia, especialmente o segmento agropecuário. Conforme Arend et al. (2019), de um lado há a intensificação da produção de commodities, com a produção de carnes, soja e tabaco, em que predominam a ampliação das escalas de produção e a dependência dos mercados externos como determinantes da dinâmica econômica. Os autores atentam que nestas cadeias internacionalizadas, o papel do estado de Santa Catarina continua importante para apoiar a continuidade das políticas de garantia da sanidade e de conformidade ambiental, porém passa a diminuir sua importância no financiamento do setor. Ainda conforme os autores, há outras cadeias produtivas que estão se desenvolvendo paralelas a esse processo, a partir da dinâmica do mercado interno, e que buscam ampliar a modernização e a organização da produção, o processamento e a distribuição de alimentos.

Diante das constatações do presente trabalho, verifica-se a necessidade de mais estudos relacionados ao agronegócio do estado, especialmente da atuação dos diferentes elos da cadeia.

Referências

AQUINO, J. G. P. **Dimensões, características e desafios das cadeias agropecuárias do estado de Santa Catarina**. 2016. 93f. Dissertação (Mestrado Economia) -Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

AREND, M.; MIOR, L. C.; FÜHR, J.; GIOVANINI, A. A Agricultura catarinense: diagnóstico e desafios contemporâneos. In: CARIO, Silvio. A. F. et al (Orgs.). **Características Econômicas e Sociais de Santa Catarina no limiar do século XXI**. Criciúma, SC: UNESC, 2019, p. 40 - 59.

BUCHMANN, J. L.; MASSUQUETTI, A.; AZEVEDO, A. F. Z. Análise de cenários do agronegócio brasileiro frente à China, aos EUA e à UE, utilizando um modelo de equilíbrio geral computável. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 59, n. 4, 2021. <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.221493>

CONTINI, E. Exportações na dinâmica do agronegócio brasileiro: oportunidades econômicas e responsabilidade mundial. In: BUAINAIN, A. M.; ALVES, E.; SILVEIRA, J. M.; NAVARRO, Z. (ed.). **O mundo rural no Brasil do século 21: a formação de um novo padrão agrário e agrícola**. 1. ed. Brasília: Embrapa, 2014, p. 147 - 174.

COMERLATTO, L. M.; LINS, H. N. Produção moveleira em São Bento do Sul (SC): a perspectiva das cadeias mercantis globais. **Ensaio FEE**, v. 29, n. 2, p. 1-28, 2008.

ESCHER, F.; WILKINSON, J. A economia política do complexo Soja-Carne Brasil-China. **Revista de Economia e Sociologia Rural** [online]. v. 57, n. 4, p. 656-678, 2019.

FACHINELLO, A. L. **Dimensionando o produto do agronegócio brasileiro**. 2016. Palestra proferida na Fundação de Economia e Estatística (FEE). Disponível em: <https://www.slideshare.net/feers/dimensionando-o-produto-do-agronegocio-brasileiro>. Acesso em: 27 ago. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Estatísticas das Contas Regionais do Brasil**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/ipp/brasil>. Acesso em: 15 ago. 2021.

INTERNATIONAL MONETARY FUND - IMF. **World Economic Outlook Database**. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/weo-database/2021/April>. Acesso em: 12 ago. 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEADATA. **Estatísticas**. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>. Acesso em: 19 jul. 2021.

LINS, H. N. Estruturas globais de produção e territórios: processos recentes na indústria automotiva em Santa Catarina. **Revista de Economia**, v. 41, n. 2, p. 151 - 174, maio/ago. 2015.

MIELE, M.; MIRANDA, C. R. O desenvolvimento da agroindústria brasileira de carnes e as opções estratégicas dos pequenos produtores de suínos do Oeste Catarinense no início do século 21. In: CAMPOS, S. K.; NAVARRO, Z. (org.). **A pequena produção rural e as tendências do desenvolvimento agrário brasileiro: ganhar tempo é possível?** 1. ed. Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2013. p. 201 - 232.

MILVERSTET, M. S.; FACHINELLO, A. L. Especialização Produtiva na Agropecuária Catarinense: uma análise dos anos de 1996 a 2016. **Revista Textos Economia**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 170-203, 2019.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA - ME. **Comex Stat**. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 27 ago. 2021.

RODRIGUES, R. S. L. C.; CARIO, S. A. F.; LINS, H. N.; PEREIRA, H. Características dominantes e possibilidades de *up-grading* na cadeia global de valor: avaliação das relações firmadas na indústria de móveis. **Anais do XXIII Reunión Anual Red Pymes Mercosur**. 26-28/09/2018, Mar del Plata, Buenos Aires – ARG. 22 págs.

SANTOS FILHO, J. I. **O Setor moveleiro de exportação no estado de Santa Catarina: considerações gerais e impacto no desenvolvimento econômico**. [recurso eletrônico] / Jonas Irineu dos Santos Filho, José Mauro Magalhães Ávila Paz Moreira. - Dados eletrônicos. - Colombo: Embrapa Florestas, 2020.

SANTOS FILHO, J. I. **Evolução e determinantes da população rural e do emprego rural não agropecuário em Santa Catarina: período 1991 a 2000**. 2006. 159f. Tese (Doutorado em Economia Aplicada) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, 2006.

TESTA, V. M.; NADAL, R.; MIOR, L. C.; BALDISSERA, I. T.; CORTINA, N. **O desenvolvimento sustentável do Oeste Catarinense**. Florianópolis: EPAGRI, 1996, 247p. (Proposta para discussão).

VEIGA, P. M.; RIOS, S. P. Cadeias de valor baseadas em recursos naturais: o caso do Brasil. Brasília: IPEA, **Texto para Discussão**, n. 2173, 2016. 44 p.